



*Reflexão Estética
da Literatura 2*

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Reflexão Estética da Literatura 2

Adriana Demite Stephani
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Adriana Demite Stephani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexão estética da literatura 2 / Organizadora Adriana Demite Stephani. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-489-4

DOI 10.22533/at.ed.894202610

1. Literatura. 2. Estética. I. Stephani, Adriana Demite (Organizadora). II. Título.

CDD 801.93

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Reflexão Estética da Literatura 2” intitula a coletânea de 25 artigos que possui a literatura, suas facetas e interseções como mote. A partir de diversas abordagens teóricas, os autores apresentam olhares e discussões sobre a recepção e análise de obras literárias de diferentes gêneros, estilos, épocas, contextos históricos, espaços geográficos e temas.

Nessas análises, somos transportados para o sul do continente africano, suas histórias, imperadores, guerrilhas e cotidiano pelas obras moçambicanas *Neighbours*, escrita por Lília Momplé, *Ualalapi* e *As mulheres do imperador*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *Quem manda aqui?*, conto de Paulina Chiziane, pelo livro de poemas *Karingana ua Karingana*, de José Craveirinha e pela obra *Kiriku e a feiticeira*, do animador francês Michel Ocelot.

Espaços, personagens brasileiros, contextos e estruturas narrativas são apresentados nas análises de: *O retrato do rei*, de Ana Miranda, a partir das referências metapicturais do seu contexto narrativo; *Grande sertão: veredas* (1956) e o sentido do envelhecimento de Riobaldo; nas representações do mundo do oprimido e dos mecanismos de opressão nas obras “O louco do Cati” (1984), um romance oral do gaúcho Dyonelio Machado, e, em *Selva Trágica*, de Hernani Donato retratando uma “escravidão” da/pela erva nas primeiras décadas do século XX, no sul do antigo Mato Grosso; a “transculturação narrativa” é analisada em *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta; e, a pluralidade de motivações das quais partiu Lobato para compor “Inquérito sobre o saci” também é exposta.

Os temas suicídio e igreja são abordados na análise comparativa do romance *A viuvinha* (1857), de José de Alencar com o periódico *A Abelha – Verdade e Caridade* (1854), vinculado à Igreja Católica; assim como, analisa-se o discurso crítico antirreligioso católico presente nos esperpentos do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1866-1936), escritos entre 1921 e 1927. Representações peculiares e figuração arquetípica do Mal são objetos de análise nas obras *Marked*, de Steve Ross, *Punk Rock Jesus*, de Sean Murphy, e *Fausto: uma tragédia de Goethe*, de Mefistófeles.

Discussões sobre leitura e leitor também compõem esta coletânea com pesquisas sobre o que e como liam os cariocas da segunda metade do século XIX, as contribuições de Antonio Candido para o ensino de poesia, e, a ressocialização de pessoas pelas práticas de leitura.

A poesia igualmente é objeto de estudos dos textos que discutem as metáforas metalinguísticas, o eu-poético, o lugar de onde fala em poemas de Astrid Cabral, Hilda Hilst; como também, há um estudo comparado entre o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira e o poema “Passaporte para Pasárgada” (1946), do poeta cabo-verdiano Osvaldo de Alcântara. No que se refere aos textos dramáticos, há artigos sobre a dramaturgia comparada no Brasil e a imagética cênica do texto dramático

Teatro Decomposto ou O Homem-Lixo, do romeno Matéi Visniec.

A interseção entre a literatura e o jornalismo é analisada no livro de crônicas *A vida que ninguém vê* (2006) de Eliane Brum, e, as diferenças entre o tratamento da homossexualidade são observadas no romance *Simon vs. a agenda Homo Sapiens* e em sua adaptação cinematográfica, intitulada *Com amor, Simon*. E, fechando essa miscelânea, *Auto-reflexões de um biógrafo acidental* apresenta pesquisas de trajetórias relevantes para a arquitetura e o planejamento urbano na Argentina.

Os artigos proporcionam ao leitor uma imersão nos aspectos da recepção e da teoria literária, assim como viagens por mundos, temas e contextos tão diversos. Boa leitura!

Adriana Demite Stephani

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“EM CASA DE LEIA E JANUÁRIO”: AFETOS E DESAFETOS NA OBRA LITERÁRIA *NEIGHBOURS* DE LÍLIA MOMPLÉ

Maria Aparecida Nascimento de Almeida

Rosilda Alves Bezerra

Loraine Sobral Correia de Lucena

DOI 10.22533/at.ed.8942026101

CAPÍTULO 2..... 14

A PROSA MODERNA DE UM CHAMADO JOÃO, UMA DISCUSSÃO QUE NÃO SE ENCERRA

Rosalina Albuquerque Henrique

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

DOI 10.22533/at.ed.8942026102

CAPÍTULO 3..... 20

O PROCESSO INTERMIDIÁTICO EM *O RETRATO DO REI*, DE ANA MIRANDA

Cristina Reis Maia

DOI 10.22533/at.ed.8942026103

CAPÍTULO 4..... 32

AS MARCAS DA OPRESSÃO EM *SELVA TRÁGICA*, DE HERNANI DONATO

Jesuino Arvelino Pinto

João Batista Cardoso

Vera Lúcia da Rocha Maquêa

DOI 10.22533/at.ed.8942026104

CAPÍTULO 5..... 43

POR UMA EPISTEMOLOGIA DO OPRIMIDO: ESTUDO DO ROMANCE *O LOUCO DO CATI* DE DYONÉLIO MACHADO

Nailton Santos de Matos

DOI 10.22533/at.ed.8942026105

CAPÍTULO 6..... 64

A LITERATURA COMO ESTRATÉGIA CONTRADISCURSIVA EM UNGULANI BA KA KHOSA E PAULINA CHIZIANE

Carina Marques Duarte

DOI 10.22533/at.ed.8942026106

CAPÍTULO 7..... 74

O SUICÍDIO NA FICÇÃO E NO PERIÓDICO CATÓLICO: *A VIUVINHA*, DE JOSÉ DE ALENCAR, E *A ABELHA* – VERDADE E CARIDADE

Iza Terezinha Gonçalves Quelhas

DOI 10.22533/at.ed.8942026107

CAPÍTULO 8	86
O DISCURSO VALLE-INCLANIANO ESPERPÊNTICO CONTRA À IGREJA CATÓLICA ESPANHOLA	
Gustavo Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8942026108	
CAPÍTULO 9	95
CAMINHANDO EM DIREÇÃO DO TRANSCULTURALISMO EM TERRA PAPAGALI	
Camila Marcelina Pasqual	
DOI 10.22533/at.ed.8942026109	
CAPÍTULO 10	106
O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO	
Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado	
DOI 10.22533/at.ed.89420261010	
CAPÍTULO 11	118
ENTRE LIVRO E TELA: A AVENTURA DO HERÓI NA LITERATURA DE RECEPÇÃO INFANTIL	
Maria Zilda da Cunha	
Maria Auxiliadora Fontana Baseio	
DOI 10.22533/at.ed.89420261011	
CAPÍTULO 12	129
LEITURAS E LEITORES NO OITOCENTOS CARIOCA	
Valdiney Valente Lobato de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.89420261012	
CAPÍTULO 13	139
ANTONIO CANDIDO E O ENSINO DE LITERATURA	
Jefferson Silva do Rego	
Larissa Leal Neves	
DOI 10.22533/at.ed.89420261013	
CAPÍTULO 14	147
“VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA” ANUNCIANDO “CÂNTICO DA MANHÃ FUTURA”	
Andréia Maria da Silva	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261014	
CAPÍTULO 15	159
COMUNIDADE DE TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO NACIONAL NA POESIA DE CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.89420261015	

CAPÍTULO 16	167
ASTRID CABRAL: METÁFORAS DO EU-POÉTICO POETA Carlos Antônio Magalhães Guedelha DOI 10.22533/at.ed.89420261016	
CAPÍTULO 17	185
LÍRICA E INTERLOCUÇÃO EM HILDA HILST Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari DOI 10.22533/at.ed.89420261017	
CAPÍTULO 18	196
LEITURAS, LITERATURA E REMIÇÃO DE PENA: POLÍTICA PÚBLICA PARA RESSOCIALIZAÇÃO NAS PRISÕES DO DF Ana Cristina de Castro Robson Coelho Tinoco DOI 10.22533/at.ed.89420261018	
CAPÍTULO 19	206
REFLEXÕES: A DRAMATURGIA COMPARADA NO BRASIL Alexandre Francisco Solano DOI 10.22533/at.ed.89420261019	
CAPÍTULO 20	217
AS POÉTICAS DO (DES)HUMANO E A DECOMPOSIÇÃO DOS IMAGINÁRIOS CONTEMPORÂNEOS NO TEATRO DE MATEI VISNIEC Alexandre Silva Nunes DOI 10.22533/at.ed.89420261020	
CAPÍTULO 21	223
A MODERNIDADE NA POESIA DE BAUDELAIRE SEGUNDO A TEORIA WALTER BENJAMIM Wanice Garcia Barbosa Valéria Maria Barboza Ferro DOI 10.22533/at.ed.89420261021	
CAPÍTULO 22	231
A NOÇÃO DE CREDIBILIDADE EM <i>A VIDA QUE NINGUÉM VÊ</i> DE ELIANE BRUM: UMA INTERSEÇÃO POSSÍVEL ENTRE A LITERATURA E O JORNALISMO Nathália Coelho da Silva DOI 10.22533/at.ed.89420261022	
CAPÍTULO 23	242
SIMON VS. SIMON: INTERTEXTUALIDADE E ADAPTAÇÃO Denise Veras Igor Sampaio DOI 10.22533/at.ed.89420261023	

CAPÍTULO 24	252
REPRESENTAÇÕES DO MAL EM REESCRITAS EVANGÉLICAS DE SEAN MURPHY E STEVE ROSS Delzi Alves Laranjeira DOI 10.22533/at.ed.89420261024	
CAPÍTULO 25	263
MEFISTÓFELES: O MAL COMO NECESSIDADE EXISTENCIAL Jonatas Alexandre Lima de Oliveira DOI 10.22533/at.ed.89420261025	
CAPÍTULO 26	271
OBJETIVANDO SUBJETIVIDADES EN UNAS APROXIMACIONES BIOGRÁFICAS Ana María Rigotti DOI 10.22533/at.ed.89420261026	
SOBRE A ORGANIZADORA	281
ÍNDICE REMISSIVO	282

ASTRID CABRAL: METÁFORAS DO EU-POÉTICO POETA

Data de aceite: 01/10/2020

Carlos Antônio Magalhães Guedelha

UFSC. Mestre em Sociedade e Cultura na
Amazônia. Professor da UFAM.

Em osmose com o cosmo

vive o poeta.

Metamorfosar a dor

na flor do verbo

a maior meta.

(Astrid Cabral, "Meta")

RESUMO: Este texto apresenta um estudo de metáforas metalinguísticas presentes em poemas de Astrid Cabral, nos quais o eu-poético é um(a) poeta, refletindo sobre o seu próprio ofício. A pesquisa explora o conceito de metáfora e antítese, explicita a sistematicidade da metáfora e discorre sobre metalinguagem e metapoesia. São analisadas duas metáforas: "poetas são viajantes" e "poemas são filhos de papel". São analisadas também duas antíteses: "torre de marfim x pé no chão" e "o pão x a palavra". A base teórica principal conta com a contribuição de Lakoff e Johnson (2002), Cançado (2002), Jakobson (2010) e Chalhub (2002), entre outros. O estudo mostra que as metáforas e antíteses pesquisadas expressam a condição humana e, especialmente, a condição feminina. A metáfora

lança uma ponte em direção ao desconhecido e à fantasia, salvando-nos das obviedades a que estaríamos condenados sem a poesia.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Antítese. Metalinguagem. Poesia.

ABSTRACT: This text presents a study of metalinguistic metaphors present in Astrid Cabral's poems, in which the I poetic is a poet, reflecting on his own craft. The research explores the concept of metaphor and antithesis, explains the systematicity of metaphor and discusses metalanguage and metapoetry. Two metaphors are analyzed: "poets are travelers" and "poems are children of paper". Two antitheses are also analyzed: "ivory tower x foot on the ground" and "bread x the word". The main theoretical basis has the contribution of Lakoff and Johnson (2002), Cançado (2002), Jakobson (2010) and Chalhub (2002), among others. The study shows that the metaphors and antitheses researched express the human condition and, especially, the female condition. Metaphor builds a bridge towards the unknown and fantasy, saving us from the obvious things that we would be condemned to without poetry.

KEYWORDS: Metaphor. Antithesis. Metalanguage. Poetry.

1 | INTRODUÇÃO

Discorro, neste artigo, sobre a metapoesia de Astrid Cabral, uma escritora do Amazonas que vem produzindo poesia, em livros, desde o ano de 1963, quando veio à luz a sua primeira

obra, intitulada *Alameda*, que se trata de um livro de contos no qual prosa e poesia convivem numa harmonia tal que chega a ser desconcertante para o leitor acostumado a pensar que prosa e poesia habitam em mundos diferentes e distantes um do outro. Depois ela trouxe a lume mais de uma dúzia de livros de poemas, que têm sido objetos de estudo em todo o país. Astrid, em seus textos, parece não abrir mão da ferramenta da metalinguagem, uma vez que, não raro, ela concede voz a um eu poético que também é poeta, e este, numa atitude narcísica, fala metaforicamente sobre si e sobre seu ofício. São as metáforas verbalizadas por essa voz que procuro rastrear neste estudo.

2 | A SISTEMATICIDADE DA METÁFORA

Para a análise dos poemas de Astrid Cabral, neste estudo, assumo o conceito de metáfora formulado por Lakoff e Johnson (2002, p. 47-48), como segue: “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”, ou seja, usamos expressões referentes a um determinado domínio da realidade para lidar, metaforicamente, com conceitos correspondentes a outro domínio da realidade. Ao primeiro domínio, aquele que fornece os termos para a expressão metafórica, Lakoff e Johnson denominaram de “domínio-fonte”. Ele é a fonte de referências; ao segundo domínio, correspondente ao que se quer experienciar, denominaram de “domínio-alvo”. É nele que as referências do domínio-fonte são aplicadas.

Toda metáfora, segundo esses teóricos, movimenta conceitos e concepções do domínio-fonte, que é mais facilmente compreendido, em direção ao domínio-alvo, que queremos compreender melhor. Por isso, uma metáfora pode ser representada dessa forma: “domínio-alvo é domínio-fonte”, como no caso da metáfora “tempo é dinheiro”. Queremos compreender o tempo, e o fazemos por meio da concretude do dinheiro, que já compreendemos perfeitamente, por estarmos habituados a lidar com ele.

Para exemplificar com uma metáfora da lavra de Astrid Cabral (1979, p. 30), apresento o verso: “Derramo minha emoção / em taças de palavra e papel”, utilizada por ela em um dos poemas do livro *Ponto de cruz*. Essa expressão metafórica verbaliza a metáfora “poesia é bebida”, em que o domínio-alvo é a poesia e o prazer que ele proporciona, seu poder inebriante; e o domínio-fonte é o sabor e o encanto da bebida, especialmente o vinho. Isso permite se compreender, experienciar e verbalizar a poesia em termos de bebida, como fez Astrid em *Ponto de cruz*. Conseqüentemente, a concepção que o leitor tem sobre o sabor do vinho é transposta para o sentido da poesia, podendo ele, o leitor, abstrair metaforicamente a arte poética ao pensar sobre vinhos.

Observamos, nesses versos, o eu poético poeta refletindo metaforicamente sobre o seu ofício. E ao fazê-lo, explicita qual o é continente e também o conteúdo de sua poesia: o conteúdo é o “vinho da emoção”, e o continente são as “taças de palavra e papel”, ou seja, os poemas. Essa metáfora apresenta a poesia como domínio-alvo e a bebida como

domínio-fonte, sendo que o poeta conceptualiza a sua poesia como bebida, uma bebida que tem o sabor da emoção. É o verbo “derramar” que desencadeia toda a expressividade da metáfora: assim como se derrama vinho em taças, derrama-se emoção em palavras e papel.

Entre as propriedades da metáfora, apontadas por Lakoff e Turner e comentadas por Cançado (2002) ênfase aqui, para a análise dos poemas astridianos, a propriedade da “sistematicidade”, a qual preconiza que as metáforas que utilizamos encontram-se sistematizadas na cultura, enraizadas na nossa mente. Essa sistematicidade pode ser percebida, por exemplo, na metáfora “a vida é uma viagem”, a qual “invade a nossa maneira de falar sobre a vida”. Essa metáfora, segundo Cançado, “estende-se para as etapas de uma viagem, possibilitando-nos fazer comparações às passagens da vida. Por exemplo, o nascimento é considerado a chegada, e a morte, a partida” (CANÇADO, 2002, p. 132). É essa metáfora de base que licencia, na língua ordinária, expressões metafóricas como “chegou ao mundo um novo bebê” (nasceu) e “o meu pai já partiu deste mundo” (morreu).

Cançado (2002) explica ainda que o que identifica a sistematicidade da metáfora é o mapeamento que se faz entre os dois conceitos relacionados e os seus respectivos domínios. Assim, se entendemos que “a vida é uma viagem”, é porque aceitamos, por exemplo, que: “a pessoa que vive é um viajante; os objetivos de quem vive são os seus pontos de chegada; os meios para alcançar seus objetivos são as estradas; as dificuldades da vida são os impedimentos de uma viagem; conselheiros são guias de uma viagem; progresso é a distância percorrida; coisas que medem o seu progresso são marcas da estrada; talentos e coisas materiais são provisões da viagem” (CANÇADO, 2002, p. 133); etc.

É a possibilidade desse mapeamento entre o alvo (a vida) e a fonte (uma viagem), assentado na cultura, que licencia expressões metafóricas usuais, como: “faz muito tempo que deixei a infância para trás”; “ela ainda não chegou à terceira idade, mas já passou dos trinta”; “nosso bebê chegará em setembro” (nascerá).

Todo esse arrazoado se mostra oportuno quando descobrimos que a metáfora “a vida é uma viagem” encontra-se subjacente a grande parte dos poemas de Astrid Cabral, licenciando um sem-número de expressões metafóricas que ela utiliza, principalmente quando a voz que fala nos textos é poeta.

3 | METAPOESIA: A PERTURBAÇÃO DA LINGUAGEM

É comum aos poetas refletirem sobre o seu próprio ofício. Afinal, se a poesia tem uma força tão grande a ponto de arremessar os leitores rumo ao devaneio, é porque antes disso já passou pela produtiva fantasia do seu criador, como bem nos ensinou Aristóteles. O ser humano tem uma necessidade congênita de fantasiar as suas experiências. E além da necessidade, o poeta tem uma extraordinária capacidade de fantasiar. Talvez seja

por isso que os poetas dificilmente resistem à tentação da metalinguagem, o que se vê principalmente a partir do século XX, depois que Jakobson estabeleceu as chamadas “funções da linguagem” e nelas reservou um espaço considerável para descrição da função metalinguística.

No artigo intitulado “Metáforas metalinguísticas de Euclides da Cunha” (GUEDELHA, 2016), explicitarei que foi Jakobson quem primeiro discorreu com clareza sobre a função metalinguística da linguagem, que traz a própria linguagem para o primeiro plano da cena enunciativa. No ensaio intitulado “Linguística e poética”, Ele diferencia a “linguagem-objeto, que fala de objetos, e a metalinguagem, que fala da linguagem” (JAKOBSON, 2010, p. 162). Assim ele estabeleceu a função metalinguística como aquela em que a linguagem é empregada para falar de si mesma. Chalhub (2002, p. 32), comentando o que disse Jakobson, observa que “a função metalinguística centraliza-se no código: é código ‘falando’ sobre o código. É linguagem ‘falando’ de linguagem, é literatura sobre literatura, é palavra da palavra”. E acrescenta que uma mensagem de nível metalinguístico “implica que a seleção operada no código combine elementos que retornem ao próprio código” (CHALHUB, 2002, p. 49).

Assim sendo, a linguagem se encontra em função metalinguística quando discorre sobre ela própria. Nesse caso, a própria linguagem é posta em questão. O autor lança mão da língua para transmitir suas reflexões sobre a própria língua. Em outras palavras, a própria linguagem é questionada e posta em destaque. E o emprego da função metalinguística na literatura põe em evidência a própria criação artística. Pela ferramenta da metalinguagem, o autor apresenta-se ao interlocutor ou leitor ao mesmo tempo como criador e como crítico de sua obra. O artista mostra-se como construtor e usuário de uma linguagem.

Quanto a essa questão, vale a pena recorrer a Roland Barthes (1970), que vê na literatura um duplo movimento de sentido, tendo em vista que ela fala do mundo e fala de si mesma, ao mesmo tempo, e dessa forma torna-se literatura-objeto (ou linguagem-objeto, aquela que se estuda) e metaliteratura (ou metalinguagem, aquela com que se estuda, linguagem instrumental). A metalinguagem, de caráter crítico-analítico, possibilita estudar a linguagem-objeto sem com ela se confundir. Por esse viés, a metalinguagem na literatura é capaz de despertar no leitor a consciência do fazer artístico (processo) que redonda na obra de arte (produto).

Sob o guarda-chuva da metalinguagem abriga-se a metapoesia, que ocorre quando a poesia põe-se a si mesma em cheque, refletindo sobre o “ser” da poesia e também sobre o “ser” do poeta. E como o poeta é um ser narcísico por natureza, resulta que a metapoesia acaba se transformando em um dos grandes motores do fazer poético. No momento mesmo em que exercita um olhar sobre o seu ofício, o poeta está mirando a sua própria imagem nas águas da poesia, que ora são cristalinas ora são turvas e turbulentas.

Silva (2011, p. 15) identifica as raízes da metapoesia no século XIX, no que ele chama de “reviravolta da lírica ocidental”. Segundo ele, a partir desse momento

a poesia abandona a homogeneidade vinda desde os gregos, que a estabelecia como uma voz centrada na confessionalidade dos sentimentos amorosos ou relativos à natureza, à vida ou à morte. Baudelaire, Rimbaud, e Mallarmé prefiguram os limites a que a poesia poderia chegar e subvertem os valores, perturbando a linguagem e reelaborando os conceitos estéticos, desligando assim os liames com a tradição antiga. Essa nova lírica 'obscura' fascina na mesma medida em que desconcerta o leitor, gerando uma dissonância, uma tensão que leva à inquietude.

Continuando em seu raciocínio a respeito do tema, Silva (2011) explicita que, em consequência dessa inversão de valores, a poesia passa a se centralizar em si mesma, e se estabelece como veículo de um outro tipo de confessionalidade: a confessionalidade de si mesma, e não mais a confessionalidade de outra coisa, o que significa dizer que ela, a poesia, passa a advogar a sua autossuficiência, deixando de ser apenas apêndice de outros saberes. Ela toma consciência de si mesma, de sua existência concreta e de sua autonomia. E não se envergonha de expor suas “entranhas”, muitas vezes até de forma despuorada. A atitude metapoética se revela, então, como

Uma tentativa de conhecimento e revelação do próprio ser poético. Assim, a Teoria da Poesia deixa de ser acessório e passa a se incluir no texto do próprio poeta, originando um híbrido entre crítica/teoria e manifesto. Essa concepção metapoética se contrapõe à tradição sentimental-expressiva, desconstruindo a obra como produto inatingível ou insondável e reconfigurando-a como um processo que se dá entre o leitor e o autor, não mais ligados por uma mitologia ou sentimento generalizado, mas sim pela perturbação da palavra poética. Essa poesia sobre poesia é um núcleo temático basilar na poética moderna e pós-moderna, sendo um veio comum, ou um parâmetro estético da literatura contemporânea (SILVA, 2011, p. 15).

Esse arrazoado me leva a crer que não é sem razão que a poeta Astrid Cabral tenha produzido insistentemente poemas cujo eu-lírico seja um poeta, que, a partir dessa condição, discursa metaforicamente sobre si mesmo e sobre o seu ofício, em atitude narcísica.

4 | METÁFORAS METALINGUÍSTICAS DO POETA

Exploro neste tópico duas metáforas metalinguísticas astridianas: “poetas são viajantes” e “poemas são filhos de papel”.

4.1 Poetas são viajantes

No poema “Poetas vão pela sombra”, do livro *Ponto de cruz* (1979, p. 25), o poeta é metaforizado como um viajante. Astrid Cabral atualiza, nesse texto, a metáfora *a vida é uma viagem*, especializando-a ainda mais, ao apontar o poeta como um viajante. Mas a vida-viagem do poeta transcorre de forma um tanto diferente do que ocorre com a maioria das pessoas: os poetas viajam por um caminho sombrio:

Poetas vão pela sombra
roçando o rosto das trevas
presos à cegueira extrema
em noites de horas imensas.

Além disso, a vida-viagem dos poetas é clandestina:

Poetas vão clandestinos.
No peito estrela escondida
os guia por labirintos
matas e mares infindos.

E mais: a vida-viagem dos poetas é sempre uma rota de fuga perigosa:

Poetas sutis se esgueiram
pelo oco de abismo e frestas
calando coisas sabidas
gritando visões inéditas.

Ao longo de sua vida-viagem, o poeta se revela um instaurador de mundos:

E com a magia das mãos
mais tijolos de palavras
constroem estranho universo
povoado de galáxias.

Se fizermos um mapeamento dessa metáfora do poeta como viajante, com base nas estrofes do poema acima, em diálogo com Cançado (2012), teremos que: sua viagem se realiza sempre numa atmosfera de sombras, guiado por uma estrela clandestina; sua viagem segue sempre na contramão do mundo, mas das trevas por onde anda ele lança luzes que iluminam o mundo; e ao caminhar, o poeta vai construindo mundos paralelos para sua rota de fuga e também para a rota de fuga de outros que desejem se aventurar por esses caminhos.

A estrela escondida, clandestina, que guia o poeta é a própria poesia. A poesia é

o seu cicerone, como atesta o poema “A poesia me pede a mão”, de *Palavra na berlinda* (CABRAL, 2011a, p. 15):

A poesia me pede a mão
sussurrando ao pé do ouvido:
pega caneta e folha. Tira
a roupa que te atrapalha.
Joga fora a máscara diária.
Vamos ao recôndito reino
lá pelas ínvias estradas
do soterrado labirinto
onde ardem tuas fogueiras
e tristes se amoitam sombras.
Liberta, vem desbravar
matas afundar em rios
penetrar grutas e estrelas.
Depois contempla o papel:
lá estarão em palavras
teus infernos e teus céus.

Como se vê, é a poesia que toma o poeta pela mão e o leva pela estrada de sombras, por regiões reclusas, não sem antes ensiná-lo como se preparar para a viagem: o ritual básico de preparo consiste em um desnudamento do poeta, inclusive da máscara diária que costumamos utilizar em nossas relações. É necessário que ela seja jogada fora, pois no reino recôndito da poesia ela não tem a menor serventia. Aliás, ela só atrapalha a viagem. As únicas matérias essenciais ali são a caneta e o papel. Em uma palavra, a linguagem. Mas a poesia é suave, ela não ordena, não grita, não faz alardes. Ela convida o poeta, ela o seduz, sussurrando o convite ao seu ouvido. As muitas viagens pelas ínvias e labirínticas estradas que conduzem ao recôndito reino da poesia resultam nos poemas que ficam gravados no papel, as experiências que são fantasiadas.

Tudo isso só é possível por causa das palavras, a “necessidade prima” do poeta. São elas que iluminam os passos do poeta nas estradas sombrias:

(...)
Só a palavra
levanta pontes

de homem a homem.

Só a palavra

clareia a estrada

por onde vamos.

(CABRAL, 2011a, p. 36)

Como observamos nessas estrofes, são as palavras que estendem as pontes entre o poeta e o mundo. E elas, as palavras, são o “farol de Alexandria” para o poeta, iluminando seu caminhar pelas trevas do mundo.

O poeta é criador de mundos, mas ao criá-los vê-se obrigado a transitar pelos “reinos de areias movediças” que são as palavras abstratas, necessárias para a abstração das coisas do mundo:

Palavras abstratas, sois
reinos de movediças areias
e andarilhas dunas, domínios
de móveis fronteiras por onde
pobres terrestres tão pedestres
nos perdemos em voos amplos
por alçados alpes e andes
ou em fundas pescas trans-
atlânticas, pacíficas, índicas.

Palavras abstratas, sois
altas revoadas de águias
hostis a exíguas gaiolas,
qual peixes vivos escorregais
rumo a vossos infindos destinos
mar alto, mar fundo, mar afora
longínquas de nossas mãos
inábeis e pequenas, onde mal
cabe a esmola de uma escama
ou de uma pena.

(CABRAL, 2011a, p. 36)

O poeta, embora íntimo das palavras e dependente delas, não raro fica confuso com os desvios de rota das palavras abstratas, nos seus rompantes de verticalidade: ora são os “voos amplos” ora são as “fundas pescas”. Ora é o céu ora é o mar. Espaços longínquos para quem é “pobre terrestre tão pedestre” e não tem “escama” ou “pena”. Em linguagem popular, poderíamos dizer que as palavras abstratas arrastam o poeta para cima e para baixo ao seu bel prazer. Se, por um lado, as palavras são necessárias, por outro elas têm os seus caprichos. Mas esses caprichos são o cimento da fantasia, porque continuamente o poeta tem que fazer desvios de rota pelos abismos e pelos infinitos em busca da poesia.

Passas em brancas nuvens
num mundo cores berrantes.
Cantas em doce surdina
na usina de alto-falantes.
Tímido vais pela sombra
à distância das ribaltas.
Cabeça dentro da vida
corpo rastejando em orlas
segues um tanto sem jeito.
Mas em segredo carregas
um vulcão vivo no peito. (ASTRID, 2011a, p. 24)

4.2 Poemas são filhos de papel

Poemas são filhos de papel. Esta é outra metáfora metalinguística do eu poético astridiano. Ela está presente, por exemplo, no poema que segue:

O poema, esse fruto
que não nasce em árvore,
carece de mão e mente
para que possa nascer.
De longínqua margem
nos acena e seduz
Assíduo pulsando
Até a urgência do parto.

Demorado ou breve
Será o trabalho
De apartá-lo das trevas
e em berço papel deitá-lo
quando finda aflição
ao grito da vitória
surja a nova criatura. (CABRAL, 2011a, p. 17)

O eu poético utiliza termos relativos ao domínio-fonte da fecundação para dar conta da realidade do poema. Parece certo que Astrid dialoga, aqui, com o princípio da “maieutica”, estabelecido por Sócrates no século IV a.C. O filósofo ateniense engendrou uma interessante associação do conhecimento com o fenômeno humano do parto, e a partir daí metaforizou a busca do conhecimento e da verdade como um parto, qual seja o “parto das ideias”, que é o significado grego para a palavra “maieutica” (CHAUÍ, 1995; COTRIM, 1997). Observando atentamente a profissão de sua mãe como parteira, Sócrates deduziu que ocorre com o conhecimento um processo semelhante ao que ocorre com o parto: primeiramente, vêm as “dores do parto”, quando o indivíduo põe em xeque o seu próprio conhecimento sobre alguma coisa e se põe a perguntar; depois dessa fase de incertezas e questionamentos, ocorre o nascimento de uma nova ideia, um novo ponto de vista a respeito do assunto. Baseado nessa analogia, Sócrates passou a utilizar o termo “maieutica” para se referir ao “parto das ideias”, ou seja, o nascimento de ideias complexas a partir de questões simples. A maieutica, então, é um processo de reconstrução de um conceito, em que o indivíduo vai revisando e reelaborando suas noções até chegar ao conceito verdadeiro por aproximações (CHAUÍ, 1995; COTRIM, 1997).

O método da maieutica consiste em perguntar, questionar o que se sabe, com vistas a saber mais. Os questionamentos, muitas vezes, acabam por convencer o indivíduo da esterilidade de suas reflexões, levando-o a admitir seu equívoco. E dessa descoberta vem à luz uma nova vida (ideia). Sócrates via esse processo como uma engenhosa obstetrícia do espírito, que facilitava a parturição das ideias. A verdade é algo que é parido, num parto intelectual. Mas o trabalho de continuar perguntando e continuar encontrando dificuldades, em busca de novas descobertas, na decifração de novos mistérios, é um processo que não cessa nunca (ARANHA e MARTINS, 1992; CHAUÍ, 1995; COTRIM, 1997).

Esse parece ser o caso de Astrid em seus poemas-filhos, nascidos do seu espírito: eles vieram à luz num doloroso processo de evolução de ideias. Só que na maieutica socrática o filósofo perguntante agia à maneira de parteiro, auxiliando o parto das ideias no outro. Mas no caso de Astrid, estamos diante de um processo de “autoparto”, em que o poeta atua como “parteiro de si mesmo”.

O poema é um “fruto que não nasce em árvore”, é uma constatação. Mais que isso, é uma certeza. Para nascer, o poema precisa ser cultivado, pela mão e pela mente, que é o seu “útero”. Ali ele se encontra vivo, pulsando. O poeta-parteiro, chagada a hora do parto, precisa “apartá-lo das trevas” e “em berço de papel deitá-lo”, dando à luz, assim, uma nova criatura-poema.

O poema “Parto” (CABRAL, 2011a, p. 18), já a partir do próprio título, dá continuidade à metáfora do poema como filho:

O poema cresce
silente e sutil
resguardado em ventre
feito ser de carne.
Palpita discreto
na soturna entranha
de sonho ou vigília
o feto em enigma.

Até que maduro
lá do escuro aflora.
Mas sem reduzir
o mistério à luz.

O texto apresenta algumas propriedades desse ser de palavras, que se assemelha a um ser de carne: ele cresce em ambiente de silêncio, discreto, o feto feito de enigmas. Quando atinge a maturação, aflora do escuro e vem à luz, trazendo ainda consigo sua natureza de mistério urdida em entranhas de sonhos e de vigílias.

O poeta tem uma certeza: quando o poema vem à luz, ele já passou previamente por um estágio de humanidade em nossa própria carne:

As palavras se contaminam
de cada um de nós.
Bebem nosso único sangue.
Engravidam das vivências
de específicos destinos.

Quando alçadas em abstrações
prévias estagiaram no cerne
de nossa própria carne.

Por isso descaminhos se traçam
e se cavam abismos e abismos
entre bocas e ouvidos.”

(CABRAL, 2011a, p. 13)

Vê-se que o nascituro origina-se de um parto doloroso, e, sendo as palavras que lhe dão forma “sangue do nosso sangue”, seguem para sempre contaminadas de cada um de nós. A poesia contém o DNA humano.

5 I METÁFORAS ANTITÉTICAS DA POETA

A antítese é um processo psicoassociativo derivado da metáfora. Daí ser denominada de metáfora antitética. Ela possibilita que ideias opostas sejam organizadas próxima uma da outra com o fim de, por meio da contradição, realçar uma determinada “verdade”. É comum, nos textos de Astrid, encontrarmos o poeta envolto em antíteses quando reflete sobre si e sobre a sua arte. E essas antíteses aparecem sempre vinculadas a um processo de metaforização. Neste tópico, destaco duas dessas metáforas antitéticas veiculadas nos poemas: torre de marfim x pé no chão; e o pão x a palavra.

5.1 Torre de marfim x pé no chão

No poema “Não jogueis pedra” (CABRAL, 1986, p. 54), a metáfora da “torre de marfim” surge como uma rota de fuga de um mundo inóspito. É a torre do poeta, que foi muito prestigiada por poetas simbolistas, no final do século XIX, embora a expressão carregasse uma conotação pejorativa para os que se opunham à arte de inspiração simbolista. A torre de marfim representava o afastamento do mundo cotidiano, com suas banalidades e brutalidades. Afastados do mundo, os poetas podiam imergir em um universo intelectual, filosófico, onde a arte ocupava o primeiro plano, sem as perturbações do mundo empírico. Com a instauração do Modernismo, no século XX, as críticas à torre de marfim se acentuaram. No poema astridiano, o poeta critica essa crítica, ressignificando a torre de marfim como um estágio necessário a muitos poetas:

Não jogueis pedra

na torre de marfim.

Convém breve refúgio

a salvo de guerras
dúvidas e dívidas
vinhotos e ódios.
Não jogueis pedra
na torre de marfim.
Dela se desce de escudo
temperado e alma lavada.
Não jogueis pedra
na torre de marfim.
Convém conhecê-la
esse estágio nas nuvens
e convívio de estrelas.

Há poetas que necessita desse “estágio nas nuvens” e desse “convívio de estrelas” que a torre de marfim possibilita. O poeta sobe à sua torre e, ao descer, vem mais preparado para as lides do mundo. Por isso, numa atitude solidária, esse eu poético apela para que não se joguem pedras. “Não jogueis pedra” é uma metáfora de rejeição à crítica que costumeiramente se faz à poesia ascética, metafísica. É uma atitude solidária, de empatia, porque em que pese defender a torre de marfim, esse eu poético não a cultiva, apenas a respeita, como vemos no poema intitulado “Pé no chão”:

Ó alados poeta
ínclitos inquilinos
de estratosferas,
perdoai-me os poemas
com gosto de barro
perdoai-me o pé na terra.
Acontece que
o que me apetece
é o pássaro na mão.
Acontece que
o que me estremece
é mesmo o chão

endereço certo
de qualquer ilusão.
(CABRAL, 2011a, p. 23)

O título desse poema, “Pé no chão”, oferece a outra ponta da antítese, encabeçada pela “torre de marfim”. O eu poético defende o direito à torre de marfim, mas desculpa-se pelo fato de sua poesia ter uma outra face, um outro gosto, por ter o pé na terra e escrever versos com gosto de barro. Não abre concessão para as ilusões.

5.2 Entre o pão e a palavra

No poema “Perfil”, de *Lição de Alice*, temos a poeta, portanto a mulher, que assim se define:

Dona de casa
dona de nada
escrava de lavras
à terra amarrada.
Mãe de família
mãe de alegrias
entre lutos e sustos.
Jaqueira imensa
cheia de frutos
Poeta nas horas vagas?
Poeta nas horas plenas
embora raras...
O mais, não vale a pena.
(CABRAL, 1986, p. 68)

Essa mulher se apresenta como alguém que se divide entre dois ofícios que lhe são caros: um ligado à concretude e à dureza das lides domésticas, e outro relacionado à oficina poética. Quanto ao primeiro ofício, temos a antítese que define o ser “dona de casa” como ser “dona de nada”, por não passar de “escrava” de sua própria condição, de ser uma “jaqueira imensa / cheia de frutos”. Quanto ao segundo ofício, o de ser poeta, que é exercido apenas nas raras horas vagas da correria do dia a dia, faz com que essas horas vagas sejam exatamente as horas plenas da vida, porque a poesia redime o cotidiano de

sua mesmice torturante.

Astrid costuma explorar em sua poesia essa antítese entre as lides do pão e da palavra. É o que ela faz, por exemplo, na dedicatória do livro *Intramuros*, textualmente:

“Àquelas companheiras
que põem a mão na massa
do pão e da palavra”.

(CABRAL, 2011b)

Ela chama de companheiras a essas mulheres, que, à sua semelhança, não abdicam do ofício da palavra para dar conta do ofício do pão. Ou, adaptando Orígenes Lessa a uma versão feminina, transitar entre o feijão e o sonho. Companheiras são as artífices do pão, mas há o pão que alimenta o corpo e o que alimenta o espírito, cuja massa é a palavra.

Em *Intramuros*, a mulher transita entre o pão e a palavra, e os elementos das lides domésticas adquirem encantamento. A mulher, libertando-se dos muros que a cercam cotidianamente, multiplica-se, em feras indomáveis, por meio da poesia, gozando até a exaustão a liberdade conquistada. Vemos isso no poema “Divisão”:

Lavo panos e panelas
o olhar buscando estrelas.

Quero a água
que não vem da torneira.

Quero o fogo
que não vem do fogão

(CABRAL, 2011b, p. 38)

Aí está expressa a antítese entre a realidade prática e o sonho, o desejo. Há uma água que vem da torneira e um fogo que vem do fogão. Mas há, por outro lado, uma outra água e um outro fogo, que se situam muito mais próximos das estrelas do que dos panos e panelas. E a condição da mulher faz com que ela subsista no imbricamento entre esses dois universos.

Mas muitas vezes se torna difícil conciliar o pão e a palavra, como insinua o poema “Atraso de vida”:

Por causa da poesia
o feijão queima

o leite entorna
esquece-se o troco
vai a roupa do avesso
chora o bebê com fome
perde-se o trem.
Mas viaja-se.
Sabe-se lá para onde
que anônima nuvem.
(CABRAL, 2011a, p. 29)

Por isso, a “Inveja de Vishnu”:

Nunca me livre
da inveja de Vishnu
seus múltiplos braços.
Se eu fosse Vishnu, pensava,
não precisaria escolher
entre ninar o bebê
ou rabiscar o poema.
Sempre haveria mão tecendo
simultâneas
fios da vida e da palavra.
(CABRAL, 2011a, p. 28)

Invejando os múltiplos braços de Vishnu, deus hindu, a mulher lamenta não ter múltiplas mãos para dar conta, ao mesmo tempo, das lides domésticas e das lides poéticas, sem ter que estar sempre fazendo difíceis e angustiantes escolhas entre uma e outra. O que a angustia é a impotência que está na base de sua condição humana e feminina.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber, nas metáforas metalinguísticas dos poemas em que Astrid Cabral dá a palavra ao eu-poético poeta, o que sobressai é a condição humana do poeta, e, mais que isso, sua condição feminina. Na verdade é uma poeta que fala nos textos astridianos. Por meio dessa voz lírica, Astrid nos propicia o conhecimento e a reflexão

sobre as constatações e angústias da mulher que é poeta, sendo também “dona de casa” e “escrava de lavras”. Talvez por isso as metáforas, inclusive as antitéticas, que utiliza para falar sobre o seu ofício de poeta tenham quase sempre o mundo doméstico como contraponto. Nessas metáforas estão as taças e o vinho, além dos flagrantes ligados à dor e à urgência do parto; nas antíteses, a torre de marfim aparece conjugada ao chão em que pisa, e as viagens da palavra não prescindem da necessidade pragmática do pão. Circulando entre domínios-fontes e domínios-alvos, a poeta Astrid, assim como a poeta de Astrid, derrama as luzes da metáfora sobre as contingências de sua condição como poeta e como mulher, e assim nos serve de cicerone pelas incursões que fazemos, expectantes, por esses dois mundos, o da mulher e o da poeta, um fornecendo matéria prima para o outro. O que sobra de tudo é a constatação: não temos como viver sem o pão, que alimenta o corpo; mas não podemos, igualmente, viver sem a palavra, que alimenta o espírito e nos faz humanos. É a metáfora que nos redime, lançando pontes do cotidiano em direção ao desconhecido e à fantasia e nos salvando de sermos escravos das obviedades a que estaríamos condenados sem a poesia.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.

BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

Cabral, Astrid. *Palavra na berlinda*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011a.

_____. *Intramuros*. Manaus: Valer, 2011b.

_____. *Lição de Alice*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

_____. *Torna-viagem*. Recife: Edições Pirata, 1981.

_____. *Ponto de cruz*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

CHALHUB, Samira. *A Metalinguagem*. São Paulo: Ática, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia - Ser, Saber e Fazer*. São Paulo: Saraiva, 1997.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana* [Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: WDU, 2002 (Coleção As Faces da Linguística Aplicada)

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. *Metáforas metalinguísticas de Euclides da Cunha*. Santa Cruz do Sul: Revista Signo, vol. 41, nº 70, ano 2016.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 22. ed. Trad. Izidoro Bliksteine Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

SILVA, Wellington Brandão da. *Inclinações da metapoética de Manoel de Barros*. Brasília: UNB, 2011 (Dissertação de mestrado).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 96, 242, 243, 248, 249, 250, 251
Ana Miranda 20
Angel Rama 206, 208, 209
Antítese 167, 178, 180, 181
Antonio Candido 95, 139, 140, 145, 146, 206, 209, 210, 212, 213
Apartheid 1, 2, 5, 6, 7, 9
Aproximaciones Biográficas 271
Arquivo 129, 130, 131, 132, 134, 136, 138
Astrid Cabral 167, 168, 169, 171, 182
A viuvinha 74, 75, 77, 82, 84

B

Brasil 16, 17, 18, 19, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 42, 45, 62, 63, 74, 75, 76, 77, 78, 84, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 135, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 147, 149, 198, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 232, 236, 250, 279

C

Cabo Verde 147, 148, 149, 154, 156, 157, 158
Com amor, Simon 242, 243, 249, 250
Comunidade de território 159, 160, 161, 163
Conflitos Humanos 231
Credibilidade 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240
Crítica à Igreja Católica 86
Cultura 1, 13, 16, 19, 34, 35, 46, 47, 58, 60, 62, 70, 74, 83, 84, 85, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 144, 145, 148, 149, 158, 163, 164, 165, 167, 169, 210, 216, 221, 224, 251, 257, 261, 263, 266, 272, 273

D

Décio de Almeida Prado 206, 211, 212, 213, 216
Diálogos Literários 147
Dramaturgia 206, 210, 211, 213, 216, 217, 218, 221
Dyonélio Machado 43, 49

E

Edição 17, 50, 51, 89, 106, 107, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 146, 148, 165, 205, 208, 250

Ensino de literatura 139, 141

Ensino de poesia 139

Epistemologia 43, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Epistemologia do Romance 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240

Espaço 1, 3, 11, 12, 14, 32, 40, 44, 48, 52, 78, 87, 91, 100, 102, 103, 126, 127, 133, 137, 149, 151, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 163, 164, 170, 185, 198, 214, 215, 232, 233, 234, 235, 237, 246, 248

Espaço literário 32, 160

Esperpentos 86, 91, 92, 94

Estética da Recepção 14, 17

Estratégia contradiscursiva 64, 69

Estudos Comparados de Literatura 118, 119

Evangelhos 252, 253, 257, 260

Existencialismo 263

F

Fausto 144, 263, 266, 267, 268, 269, 270

Ficção 1, 9, 10, 11, 13, 17, 20, 29, 37, 42, 63, 66, 74, 75, 76, 82, 84, 96, 99, 142, 189, 208, 231, 234, 235, 236, 240, 242, 250

Folclore 106, 113, 143

G

Goethe 263, 266, 267, 268, 269

Grande sertão: veredas 14, 15, 16, 17, 19

Guimarães Rosa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 49, 101, 208

H

Hernâni Donato 32

Herói 36, 45, 51, 54, 55, 56, 58, 61, 64, 65, 68, 91, 104, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 237

Hilda Hilst 185, 193, 194

História 2, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 29, 30, 32, 36, 42, 44, 53, 55, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 68, 69, 73, 74, 76, 82, 84, 89, 93, 96, 104, 105, 113, 114, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 138, 140, 150, 151, 157, 158, 159, 161, 165, 188, 201, 209, 211, 216,

224, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 239, 249, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 261, 266, 269, 270

Homossexualidade 242, 244, 245

Humanização 139

I

Iconotextos 20, 21, 23, 29, 30

Imaginário 13, 96, 107, 118, 120, 124, 125, 127, 128, 149, 150, 161, 217, 218, 220, 222, 270

Indigenismo 95, 99

Inquérito 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117

Interlocução 185, 187, 190, 193, 194

J

Jornais 78, 84, 88, 110, 115, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 165, 214, 215, 236

Jornalismo 231, 232, 235, 236, 237, 241

José Craveirinha 159, 160, 161, 163, 165, 166

José de Alencar 74, 75, 76, 77, 212, 215

K

Kiriku e a feiticeira 118, 119, 128

L

Leitura 3, 9, 12, 17, 61, 76, 77, 101, 109, 111, 113, 114, 127, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 149, 159, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 212, 234, 238, 239, 244, 248, 249, 250, 281

Lírica 160, 170, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194

Literatura 2, 2, 3, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 30, 32, 43, 46, 48, 49, 57, 58, 62, 64, 72, 74, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 104, 105, 110, 117, 118, 119, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 170, 171, 188, 194, 195, 196, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 220, 231, 232, 236, 240, 242, 243, 244, 246, 250, 251, 252, 261, 263, 265, 266, 269, 281

Literatura Comparada 14, 158, 206, 208, 209, 210, 211, 216

Literatura de Recepção Infantil 118

Literatura e História 20, 32, 128

Literatura espanhola 86

Lucien Goldmann 43, 62

M

Mal 37, 38, 51, 87, 89, 94, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 138, 143, 174, 223, 226, 230, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 270

Manuel Bandeira 147, 148, 149, 151, 152, 156, 157, 158

Mefistófeles 263, 266, 267, 268, 269

Memória 3, 8, 11, 13, 16, 63, 64, 68, 69, 71, 72, 73, 84, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 165, 187, 193, 194, 195, 223

Meta ficção historiográfica 20

Metáfora 59, 92, 112, 153, 167, 168, 169, 171, 172, 175, 177, 178, 179, 183, 237, 255, 256

Metalinguagem 155, 167, 168, 170, 183

Monteiro Lobato 106, 117

N

Narrativa de tensão 32

Ngungunhane 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

O

O Homem Decomposto 217, 221

O retrato do rei 20, 21, 29, 31

Oswaldo de Alcântara 147, 148, 149, 151, 152, 154, 156

P

Paulo Freire 43

Periódico católico 74, 79, 83

Poesia 10, 17, 91, 107, 108, 117, 139, 148, 149, 151, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 188, 190, 193, 194, 195, 207, 210, 211, 213, 223, 224, 225, 228

Política Pública 196, 198, 202, 203

Prisão 36, 66, 70, 92, 196, 200, 202, 203, 205, 227

Processo intermediático 20, 21, 29

R

Realidade 1, 3, 6, 8, 10, 18, 20, 25, 28, 29, 32, 40, 41, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 69, 70, 82, 91, 92, 93, 102, 104, 106, 112, 126, 133, 143, 147, 151, 154, 156, 161, 168, 176, 181, 198, 199, 208, 213, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 224, 228, 229, 232, 234, 235, 236, 240, 245, 246, 263, 264, 270

Reescrita 64, 252, 254

Renamo 1, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 68
Ressocialização 196, 198, 200, 202, 203
Romance adolescente 242, 244
Romance gráfico 252, 253, 257, 261
Romantismo 74, 75, 76, 77, 82, 84, 206, 210, 212

S

Saci Pererê 106, 107, 113
Século XIX 26, 138
Simon vs. a agenda Homo Sapiens 242, 244
Sociologia da literatura 43
Subjetividade 10, 130, 132, 159, 186, 193, 194
Subjetividades 185, 186, 195, 271, 279

T

Teatro Decomposto 217, 220
Tradição 11, 15, 17, 23, 56, 64, 77, 102, 107, 127, 148, 171, 188, 193, 199, 206, 207, 208, 213, 214, 215, 243, 252, 266
Transculturacão 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104, 206, 209

V

Valle-Inclán 86, 91, 92, 93, 94
Velhice 14, 16, 18, 19, 268
Violência 1, 8, 12, 34, 36, 50, 51, 53, 55, 56, 59, 62, 126, 211, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261
Voz 3, 7, 11, 13, 18, 49, 52, 62, 75, 93, 96, 97, 100, 111, 114, 122, 124, 125, 126, 128, 148, 160, 163, 168, 169, 171, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 234, 238, 255, 273

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

Reflexão Estética da Literatura 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020